

Lâmpadas Coloridas: Intolerância, Ignorância e Diferenças. Por Rosane Santiago Cordeiro

Intolerância. A mais terrível doença que o ser humano pôde criar e que em pleno século XXI insiste em existir. Exatamente quando pensávamos que poderíamos esquecer os desastres racistas que aconteceram em tempos passados, estes ressuscitam ainda mais desequilibrados... Este texto trata de personagens pouco conhecidos, agentes da história mundial que tornaram-se invisíveis para sobreviver. Bonitos, talentosos, repletos de idiossincrasias, odiados, amados, perseguidos, singulares. Com tantos critérios de vida ligados a tradições milenares, talvez obsoletas, esta gente heterogênea permanece um só povo: o cigano.

Em novembro de 2007 viajei da Espanha, mais precisamente da Andaluzia, direto para a Itália. Cheguei à estação de metrô de Milão, onde fui me encontrar com um amigo brasileiro que vive ali há mais de quinze anos. Mudamos de linha, e durante este trajeto me sentia incomodada em como as pessoas me olhavam insistentemente. Minha cabeça viajava na possibilidade de estar fazendo algo que não era compatível com aquele povo. Seriam minhas roupas? Talvez a maquiagem estivesse borrada... Perguntei a meu amigo: "O que acontece? Todos me olham de cima a baixo". Num sorriso constrangido, meu amigo disse: "não fique chateada com o que vou dizer, por favor, mas você está uma cigana perfeita".

Em um primeiro momento não entendi porque deveria me chatear. Assustava-me a ideia de que meu amigo, homossexual, que ostenta em seu histórico de vida lutas e discursos em prol de liberdades e minorias, tivesse opiniões com relação aos ciganos tão contrastantes com os seus discursos "antipreconceito". No Brasil existe muito preconceito racial, mas ao mesmo tempo temos uma assimilação do diferente que me parece, se comparada a de outros lugares, inacreditável. A frase "você está uma cigana perfeita", dita pelo mesmo amigo aqui no Brasil, se transformaria em elogio, não seria nada ruim. Mas dito na Itália, precisamente em Milão, torna-se um atestado de rejeição e xenofobia.

Conversando com uma amiga em Florença, comentei a ideia, cada vez mais forte, de fazer um bom filme sobre ciganos. E lhe perguntei como é a vida destes na cidade. A resposta foi rápida e rasteira: "Rosane, não se meta com essa gente! Aqui, se colocarem todos eles em uma praça e botarem fogo, o resto da população fingirá que não viu". Estas palavras faziam eco em minha cabeça. O preconceito existe e cega, e isso independe de credo religioso, opção sexual, classe social ou cor da pele. Acaba sendo mais fácil do que pensar realmente nas razões primeiras do problema social que os ciganos e outras tantas minorias sofrem e/ou acarretam. Então lhes estigmatizam, com um carimbo bem grande que os denomina, a todos, de marginais. Há uma generalização de que qualquer pessoa que erre pelas ruas de países europeus, ou é cigano ou marroquino, ambos tidos como perigosos para o resto da população. Não falarei aqui de ciganos que têm comportamentos ilegais ou das atitudes destes que ferem, constrangem e irritam a sociedade constituída, simplesmente pelo motivo de que assim teria que falar dos não-ciganos, em número infinitamente maior, que têm comportamentos vis e até macabros.

No caminho que sigo para realizar esta pesquisa tropeço toda hora em dificuldades e venho com isso treinando minha veia diplomática para lidar com gente que não quer que o assunto em questão seja comentado. A dificuldade de qualquer um em representar ou documentar a população cigana em suas mazelas e alegrias passa pelo crivo dos segredos e omissões existentes em qualquer família. São como uma igreja: não é proibido entrar, mas só entra pra rezar quem comunga o mesmo deus. Eles sabem mais do que ninguém diferenciar, entre gadjés (não-ciganos) ou ciganos, os que podem ou não "rezar as orações deles" e estão alertas com relação a isso, pois é o que os faz existir. Por isso, me fascinou a possibilidade (e responsabilidade) de escrever sobre o Holocausto que aconteceu na Alemanha e o que, senti na pele, beira acontecer na Itália. Eu só vi depois de sentir. Proponho, então, que sintamos e vejamos um pouco mais:

Na Revista Tchatchipen, editada pelo Instituto Romanó de Servicios Sociales y Culturales, espanhol, encontrei uma matéria muito interessante chamada "*Os Ciganos e o Holocausto: Uma Reavaliação e uma Revisão*", que remete-nos a uma viagem ao ódio nazista e ao suplício imposto. Tirando os judeus, a única população dizimada por motivos étnicos foi a de ciganos. Este texto escrito pelo professor Yan Hancock, diretor do Programa de Estudos Ciganos e do Centro de Documentação Cigana da Universidade do Texas (EUA), traz uma pesquisa muito bem feita a respeito do ocorrido com a etnia no período do genocídio hitlerista. Hancock cita a conclusão de uma historiadora austríaca, especialista no Holocausto nazista, Érika Thurner:

"Os judeus e os ciganos se viram afetados de igual forma pelas teorias racistas e pelas medidas adotadas pelos dirigentes nazistas. A perseguição dos dois grupos foi levada a cabo com uma intensidade e crueldade igual dos radicais. O genocídio judeu recebeu mais prioridade na sua planificação e execução devido ao diferente status social judeu, e por serem mais numerosos".

O mesmo autor nos alarma quando explica a dificuldade de se estabelecer o número de assassinatos de Romás (ciganos) no Holocausto. Afirma que ainda restam muitos documentos relativos ao massacre a analisar, além de não haver registros de milhares de outras mortes que ocorreram fora dos campos de concentração. Baseado nos estudos da Doutora Sybil Milton, historiadora do U.S. Holocaust Memorial Research Institute de Washington, Hancock situa o número de vidas ciganas perdidas até o ano de 1945 entre **meio milhão e um milhão e meio de pessoas**: “No final do conflito os ciganos eram um povo decapitado em busca de alguém que lhes explicasse o que acabava de acontecer. Em troca, foram recebidos com um muro de silêncio e esquecimento das autoridades, nem reparações nem desculpas, nem filmes ou obras sobre sua dolorida situação, nem uma terra nova para instalarem-se ou defenderem-se”.

Hoje, com a Política Italiana de Imigração de Silvio Berlusconi, primeiro ministro, algumas atitudes do passado vem se repetindo. A causa migratória é um problema para a sociedade italiana, agravado com as medidas adotadas atualmente. O governo está fichando os ciganos e imigrantes, exigindo documentos que contenham suas impressões digitais e foto, comprovantes de moradia, rendimentos suficientes e seguro médico, como se fossem sinônimos de perigo, expondo-os e marginalizando-os. Esta política não é aceita por grande parte da população italiana, mas mesmo assim o primeiro ministro teve muitos votos na última eleição por conta deste discurso de limpeza imigratória, que em outros tempos seria chamada de limpeza étnica.

No caso europeu, ainda, os centros de apoio e de ajuda social parecem se aproveitar de algumas características culturais do povo cigano para marginalizá-lo ainda mais: vemos uma indústria de Organizações Não Governamentais que são verdadeiros cabides de emprego, e que literalmente dão restos de seus lucros aos ajudados sem olhar de verdade para a realidade destes, limitados pelo “status quo” vigente e pela própria ignorância. Não buscam modificar nada, cultivam e conservam a desesperança, que é o que justifica seus empregos. Infelizmente, a ignorância e a política feita pelo e para o poder vai continuar a propagar a xenofobia, o preconceito, os holocaustos e a pobreza.

Mesmo com o radicalismo na preservação de suas tradições, que vejo muito forte inclusive no Brasil, a cultura cigana está desaparecendo, ou pelo menos se modificando. Esta “caça aos imigrantes” vivida em alguns países, vem de uma crise social imensa, causada por um único fator: a falta de autoridade política dos governantes (autoridade real, não a que a mídia oficial propaga) e de um descrédito imenso nas instituições (sistemas financeiros, governos, partidos políticos, Justiça, ONGs...). O problema social que acontece não vai ser solucionado se for apenas contornado, vigiado ou “eliminado”.

É responsabilidade da sociedade em geral não esquecer o passado recente em que a cada dia havia mais e mais necessidade de se desprender energia diante do “diferente e inaceitável”. Devemos ser agentes transformadores e ver o que estas minorias culturais podem acrescentar à sociedade em geral. É nosso dever falar (e questionar) o que acontece, sim! Os ciganos que passam por perseguições seculares por sua maneira social singular e rígida poderão algum dia ser aceitos como povo diferente? Será que existirá o dia em que vão poder comprar livremente, ter as mesmas possibilidades de trabalho, de estudo, de ir e vir? E o mais importante: serão eles, em algum tempo, alvos de atitudes políticas e sociais que não neguem as tradições seculares que regem sua cultura?

Talvez alguma mudança lenta já esteja ocorrendo, pois tive contato com alguns ciganos e percebo que nos últimos tempos muitos profissionais talentosíssimos têm aberto os olhos da sociedade para o embasamento saudável que existe nesta cultura. Músicos, atores, bailarinos, médicos, advogados, historiadores, políticos, enfim, gente que com um trabalho digno representa a ciganidade com galhardia. Nada mais justo. Afinal, como disse o guru indiano Paramahansa Yogananda, “devemos respeitar todas as religiões e amar a todas as pessoas, sejam pretas, amarelas, vermelhas, brancas, marrons... a eletricidade flui dentro de uma lâmpada vermelha, verde, amarela ou azul; alguém diria que a eletricidade é diferente dentro de cada uma? Não. De modo similar o Divino brilha dentro de todas as lâmpadas humanas”.